



UMA FAMÍLIA DE PESCADORES.

Este quadro de mr. Jeanron pertence ao duque de Luynes. Representa uma familia de pescadores tomando a sua refeição á borda do mar, junto a Ambleteuse.

Os desgraçados habitantes d'este paiz, de verão occupam-se na pesca, ordinariamente sem barcos, e com pessimas redes; e de inverno, em mendigar.

Temos a admirar a bella expressão das figu-

ras, e supponho que é um serviço que mr. Jeanron faz ao seu paiz natal o de familiarisar, pelo seu habil pincel, os parisienses com as physionomias e costumes d'aquelles pescadores, porque pode acontecer que os banhistas, tendo sido chamada a sua attenção por este meio, corram áquelle paiz onde podem satisfazer o seu gosto ou necessidade, concorrendo para minorar, por algum tempo, a sorte de taes infelizes.

Em consequencia do nosso gravador ter faltado com a estampa cujo artigo segue damos a presente gravura, e para o numero seguinte estamparemos a que devera ser publicada hoje.

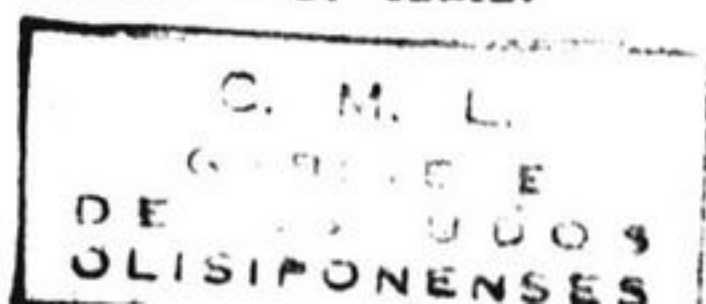
CATARACTA DA RIBEIRA DE CAUSE E MURALHA ROMANA JUNTO D'AIX.

No ultimo plano da gravura, vê-se a montanha Santa Victoria, que limita pelo este a celebre planicie de Pourrières (*Campi Putridi*) onde Mario (102 antes de Jesus Christo) aniquilou um numeroso exercito de teutões. Conta-

VOL. I. — 4.ª SERIE.

se que os romanos levantaram, no cume d'esta montanha, um pequeno templo dedicado á Victoria para perpetuar a lembrança da derrota dos barbaros. Na idade media, este templo foi convertido em egreja com a invocação de Santa Victoria. As muralhas de bello estylo, e verdadeiramente romanas, no meio das quaes se precipita a pequena ribeira Cause, parece serem os restos d'um grande aqueducto romano que condu-

NOVEMBRO, 21, 1857.



zia as aguas, ainda muito abundantes hoje, da aldéa de Santo Antonino na colonia d'Aix. Esta aldéa está situada a oito kilometros da cidade. Algumas pessoas comtudo julgam ver n'esta muralha, que cerca ou devia cercar um vallesinho profundo, uma barreira destinada a formar um reservatorio ou lago artificial, como o que se construiu, ha alguns annos, a menos d'um kilometro, para levar a Aix, por meio do canal *Zola*, as aguas da mesma ribeira Cause. Não longe d'ali estão a aldéa e o castello, que teem ambos o nome de Tholonet. O castello pertence ao marquez de Gallifet, cujo pae publicou a *Viagem na Provença*, onde se acha uma lithographia representando tambem este muro, esta cataracta e este sitio, um dos mais interessantes da Provença, e ordinariamente visitado pelos viajantes que se demoram em Aix.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(*Scenas navaes do seculo XVII.*)

Continuação.

V

GUERRA E PESTE.

As duas naus hollandezas, mais solidas, mais veleiras, e mais bem artilhadas do que a nossa, chegaram com todo o panno largo á prôa do Enxobregas; e manobrando com acerto, passou uma d'ellas a rastejar com o gurupez do galeão, que tambem as procurava, e prolongou-se-lhe com o costado de estibordo, em quanto a outra passando por bombordo lhe deu uma banda, e metteu em seguida a virar.

O Enxobregas achava-se entre dois fogos, e conhecia a vantagem que lhe levavam os contrarios; mas tambem contava muito com o valor da sua gente, principalmente se chegassem á abordagem, em que a valentia pessoal se podia experimentar nas armas brancas.

O capitão Moraes mandou pois diminuir de panno, o que se executou sem confusão, á voz de Pero Dourado, que estava á cadeira. O galeão ficou só em gaveas, e desembaraçado o convez das escoltas e amuras dos papafigos. Em seguida ordenou bandas de fogo por um e outro bordo contra as naus inimigas, mas estas respondiam-lhe com outras bandas, e em seguida furtavam-lhe o costado virando por *d'avante*, com o que aproveitavam toda a sua artilharia, e não recebiam em cheio a metralha dos portuguezes. Ligeiras, com todo o seu velame largo, executavam esta manobra com presteza, em quanto o Enxobregas apenas guinava a um lado e a outro, com pesados movimentos; porém a guarda da sua bandeira estava confiada ao braço e ao estoque do visorei; a defesa da varanda e chapiteo da popa a cargo do ex-capitão de Cananor; promptos, os primeiros, a abordar, estavam no castello de

prôa, de espadas na mão, D. Martinho e Luiz de Brito. Os outros fidalgos conservavam-se na tolda, para defesa d'aquelle logar e serviço dos guarda-lemes. O mestre e o contra-mestre vigiavam os portalós; e os artifices tapavam os rombos que fazia no costado a artilharia inimiga, e acudiam a atalhar qualquer incendio que se ateara em alguns dos muitos combustiveis de bordo.

Vendo, porém, o capitão, depois de meia hora de combate, que o plano dos contrarios era metter-lhe o galeão a pique, sem nunca se chegarem á abordagem, mandou içar de novo as velas que amainara, e ainda metter monetas; porém um tiro certo do inimigo cortou as ostagas do traquete, e veiu a baixo a verga, que se partiu em dois pedaços, ficando *empachada* a artilharia da prôa com a vela e os respectivos cabos. Estava pois perdida a ultima esperanza de dar caça aos hollandezes.

A noite, entretanto, tinha fechado de todo, e a cacimba tornava opaca a atmospheria; mas os contendores ainda se viam, e o capitão formando á pressa conselho com os mais prudentes e autorisados officiaes e passageiros do galeão, propoz-lhes deitar direito á costa, para reparar a avaria na *Angra do Negro* ou em Benguella, visto que os batavos se não chegavam á abordagem, e não era possivel caçal-os.

Assim se resolveu, e o piloto mandou arribar para o norte.

Não tardou que os hollandezes percebessem a manobra; e julgando que os nossos lhe fugiam por medo, fizeram força de vela nas suas aguas, e em pouco tempo estavam na alheta do Enxobregas.

Então trabalharam devêras as *meias-esperas* da popa, e com acerto, que um pelouro seu quebrou o gurupez da nau que vinha mais proxima. Deixando esta para ré, a outra nau hollandeza veiu prolongar-se com o galeão, tentando, talvez, abordal-o finalmente.

Porém succedeu-lhe um horrivel sinistro! Ateou-se-lhe o fogo a bordo com uma rapidez e intensidade pasmosas, e em breves instantes toda a nau era chammás! O Enxobregas deitou á popa arrasada, para fugir do contacto d'este inimigo, agora perigosissimo; e a sua gente sentiu uma temerosa explosão, e observou com espanto fazer-se em pedaços o valente navio contrario, ao som dos gritos de desesperação que soltavam na derradeira agonia os seus tripulantes.

Os maritimos são sempre generosos. Qualquer acreditaria facilmente que o primeiro movimento do galeão Enxobregas seria dirigido sobre a nau hollandeza, que com a perda do gurupez, chave da mastreação, perdera os outros mastros, ficando rasa, e por tanto impossibilitada de navegar. Seria uma conquista facil. Mas não se tratou d'isso, em vista da perda da outra nau; pelo contrario, toda a guarnição portugueza, a uma voz, requereu que se lançassem ao mar os bateis, e que se salvassem da agua os inimigos que houvessem escapado do fogo.

Não succedeu assim aos nossos da nau *Chagas*, em 1591, pois que ardendo-lhe a embarcação, quando combatiam com tres vasos inglezes, foram recebidos nas pontas das lanças britannicas, e muitos d'elles assassinados, entre as vagas do Oceano! (*)

O esquife e os bateis desceram com effeito ao mar, e os marinheiros á portia se lançaram a elles para irem salvar os naufragos. Com grande trabalho ainda conseguiram trazer para bordo do galeão uma duzia de infelizes, mas todos elles mutilados, e dos quaes nem um só escapou á morte, proveniente das feridas. Depois dirigiram-se, seguidos do galeão, para a outra nau, arvorando bandeira branca, e sem resistencia se aposaram d'ella, desarvorada, e que já se ia a pique, com a muita agua que fazia. Cento e doze prisioneiros, entre officiaes, soldados e maruja, entraram a bordo do *Enxobregas*, e foram ahi muito bem tratados, principalmente os feridos.

A perda dos portuguezes fôra pequena, em relação ao encarniçamento do combate. Dois mortos e onze feridos, tudo marinheiros e escravos. Dos hollandezes perdera-se o almirante, e mais de duzentos tripulantes da frota. Quanto ás suas embarcações, se uma se espalhou em pedaços sobre as ondas, como vimos, a outra não tardou em submergir-se nas aguas!

Assim terminou esta renhida peleja; e o galeão seguiu a sua derrota directamente para Angola, pois que, desassombrado de inimigos, tinha occasião de *deitar acima* uma nova verga de traquete, em lugar da que partira.

Seguindo ao longo da costa d'Africa, em distancia de cinco leguas d'ella, avistaram as barreiras escalvadas, onde o mar rebenta com furia ao sul da *Angra do Negro* (hoje chamada bahia de Mussamedes); depois o morro do *Sombreiro*, extremidade meridional da bahia de *Benguella*, onde começava a prosperar uma colonia portugueza, fundada abi em 1617, e que se tornou em cidade muito commercial, mas assaz doentia; em seguida enxergaram o morro de *Benguela a velha*, que dá idéa do Cabo do Espichel, na nossa costa, apoz o Cabo *Ledo* (bem pouco ledo que elle é!). E logo a ponta da *Palmeirinha*, e a ilha de *Loanda*, e a cidade de S. Paulo.

Bordejando dobraram a ponta da ilha, e surgiram em frente da feitoria, aonde então se despachavam os negros para o Brazil.

Do outro lado via-se a cidade, adornada de bandeiras e galhardetes, por ser o dia 15 de Agosto, terceiro anniversario da restauração de Loanda, do poder dos hollandezes, por Salvador Corrêa de Sá e Benevides.

A mór parte da tripulação e passageiros, escoltando os captivos hollandezes, desembarcou pouco depois de amarrado o navio, e dirigiu-se ao palacio do governo, d'onde em companhia d'este, do veneravel bispo, conegos e mais ecclesiasticos da sé d'Angola e Cougo, com acom-

panhamento tambem de muito povo curioso, foram render graças a Deus e á Virgem Santa de os trazer até ali a salvamento, e com perda dos inimigos da religião catholica, ante o altar de Nossa Senhora da Assumpção, que se festejava n'esse dia, e que dera sobrenome á cidade.

A noite passou-se em folgares; mas logo na manhã seguinte se tratou de reparar o galeão, para seguir melhor apparelhado na volta de Lisboa, do que viera até ali, tanto no que dizia respeito á navegação, como ao encontro de inimigos; porém a *carneirada*, que n'esse anno caiu com immensa força sobre Angola, começou a dizimar a gente da nau, a tal ponto que, uns mortos outros doentes, tiveram que deixar todo o carregamento das obras de bordo aos artifices da cidade e gente das lanchas costeiras. Todavia o fabrico progrediu, Deus sabe como, é verdade!... e por meados de Outubro estava a nau apparelhada, alcatroada e pintada.

Parece-nos que o leitor já terá notado, com desprazer, que abandonassemos por tanto tempo os personagens d'esta veracissima chronica por quem, seguramente, mais se interessa. Não é assim?

É de certo! Mas não os esqueceu o chronista... Elles é que dissimularam, os quatro adulteros, seus peccaminosos desejos, e seus criminosos planos, até á chegada a terra.

Logo que desembarcaram em Loanda mostraram todavia que não havia esquecimento de injuria, nem menos odio de parte a parte; porém o velho Mascarenhas fazia vigiar de continuo os dois mancebos, e D. Leonor não perdia de vista as jovens rivaes. Além d'isto, Magdalena enferrou com o mal da terra, e como o seu estado dava serios cuidados, tiveram ainda de se reprimir por mais algum tempo os dois implacaveis inimigos.

Aton, a chineza, nascida sob o tropico, e habituada a viver nos climas não menos ardentes da India, era talvez a unica pessoa, das que aportaram a Angola no galeão *Enxobregas*, isenta do menor ameaço de *carneirada*; pelo contrario estava nutrida, rosada, muito mais formosa; em quanto a sua rival pallida, abatida, se consumia em presa a uma febre lenta mas terrivel.

Luiz de Brito, o ingrato, o infiel, esquecia a esposa que agonisava n'um leito de dôres, para só se lembrar do seu amor e da sua vingança... mas já menos d'esta do que d'aquelle! Era cavalleiro e brioso, sim; mas a causa da projectada vingança estava prestes a sumir-se... e o alvo do amor cada vez mais bello, mais esplendido de attractivos!...

D. Martinho é que estava mais do que nunca empenhado em arrancar a vida ao fidalgo portuguez; porque a sua paixão por Magdalena esfriara, vendo-a no leito da morte, sem côr, sem falla, sem movimento... Sempre era amor de um indio!... E voltava de novo a adorar a ultrajada esposa, que o repellia com desprezo, e amava ternamente o quasi viuvo da sua rival.

(*) Vidê Panorama. Vol. XI. Pag. 333.

A febre do amor e da vingança, junta á febre endêmica do paiz, havia prostrado tambem no leito os dois cavalleiros, quando Magdalena deu o ultimo suspiro.

A quem achar prosaica esta morte da filha de Ruy da Cunha, lembraremos que não foi mais poetica a do apaixonado poeta da *Menina e Moça*, que tambem se finou da *carneirada* em S. Jorge da Mina.

Ruy da Cunha e Leonor, desesperados pela morte da sua filha querida, instaram com o governador de Angola para que obrigasse a ficar na terra o que elles chamavam assassino de sua filha; porém aquelle, apesar de amigo velho da familia Cunha, só lhe prometeu cumprir os seus desejos, no caso que Luiz de Brito desse algum pretexto para se fazer tal violencia.

O pretexto, e grave, não se fez esperar por parte do recente viuvo. Nas vespéras da partida do galeão, e achando-se já restabelecido das febres que soffrera, encontrou no *largo do Palacio* o seu rival e a sua amante, que vinham de visitar o governador; e furioso de ciúme, de raiva, accommettido de subito delirio, arremessa-se a D. Martinho, separa-o da esposa, arranca-lhe a gorra, rasga-lhe o peitilho, e sacode-o pelas pontas de seus compridos bigodes!...

Isto foi rapido como o pensamento, e por tanto impossivel de prever e de evitar.

O governador, que estava no balcão central do palacio, gritou para a sua guarda que prendesse o aggressor; e antes que D. Martinho tivesse tempo de desembainhar a espada, estava Luiz de Brito manietado, e interpunha-se entre ambos uma barreira de corpos humanos.

«Sangue! sangue! bradava o principe indio, de espada em punho, diante das janellas do palacio.

«Justiça se fará! respondeu energicamente o governador.

A moda dos duellos já tinha acabado n'esse tempo entre os portuguezes; e nunca mais voltou, a *serio*, até hoje... Deus louvado!

Como se vê, estava achado o pretexto, e mais do que pretexto, para reter em Angola a Luiz de Brito. Ruy da Cunha e sua esposa criam haver vingado a morte de uma filha querida; e posto que enfermos, como a maior parte dos seus companheiros de viagem, embarcaram mais satisfeitos do que o fariam apar d'aquelle odiado genro.

D. Martinho é que não tornou a ver um sorriso nos labios de sua esposa. Cada vez mais fria para com elle, a chineza, que escapara á carneirada, não evitou o *spleen* (como hoje se diria) e tornou-se quasi uma estatua. Ao principe, injuriado pelo rival, e despresado pela mulher, lembrou-lhe o suicidio... mas esse meio ainda não era então moda tambem! Quem escapou á febre, embarcou por fim no galeão, em dia de Finados, 2 de Novembro de 1651, mas quasi toda a gente mais para morrer do que para trabalhar! Quanto a Luiz de Brito, segundo dizia o governador, ia dar um passeio, pouco hygienico, pelas mar-

gens do Cuanza, e demorar-se em Massangano por algum tempo, onde provavelmente se finaria de doença.

Postas as ancoras em cima, soltas as velas, e dando e recebendo o costumado: *Boa viagem!* lá se foram os nautas afastando de Loanda no malsadado galeão Enxobregas, que singrava quatro a cinco milhas por hora, aproando ao nor-noroeste e noroeste, com vento largo do quadrante sudoeste, e amura a bombordo.

Á vista da ilha da Ascensão lançaram ao mar com todas as solemnidades militares e religiosas o cadaver do velho D. Filippe Mascarenhas, a quem Deus já destinara que não tornasse a ver a patria, depois de seis annos d'ausencia! Melhor foi assim, que evitou os trabalhos que ainda estavam reservados para os seus companheiros de viagem.

Até ao Equador tiveram bom tempo, e vento na vela; mas ahi começaram-lhe as calmas, depois as trovoadas; e quando principiavam a convalescer das febres d'Angola, entrou com elles o escorobuto, fructo da ruindade do mantimento, e da má agua que apodrecia nos toneis, a ponto de fazer algumas victimas, e deixar muitos estropeados.

Quando chegaram pela altura de Cabo Verde, já não haviam a bordo mais do que cento e dez almas, mas nem cincoenta corpos em estado de supportarem as fadigas de um temporal ou d'um combate!

N'estas tristes circumstancias se aventuravam, no rigor do inverno, a demandar o procelloso mar dos Açores, quasi sempre salteado de naus de herejes ou de infieis'...

Que valentias se praticam cá em terra, comparaveis a estas temeridades navaes?

Vereis o resto.

Continua.

F. M. BORDALO.

BREVES REFLEXÕES SOBRE OS EFEITOS GERAES DA REVOLUÇÃO FRANCEZA.

Conclusão. *

As alterações, que a revolução franceza fez na politica, seja quanto ao estado publico dos governos, ou seja em quanto ás opiniões, idéas, e systema dos governados, e dos governos entre si, são mais sensiveis, e de maior peso, e influencia do que á primeira vista parecem. Em primeiro logar havemos visto (considerando a politica geral dos governos) uma nação que até então passava por meia selvagem, como era a Russia, condemnada pela natureza, e pela antiga politica dos gabinetes europeus, a não ser temivel e influente, senão para os tartaros da extremidade da Asia, vir hoje, por culpa da revolução franceza, influir não só em os negocios publicos do norte da Alemanha, e da Turquia, (que sem a concorrência das outras potencias

(*) Do num. 43.

teria ultimamente perdido a sua nacionalidade), mas em os de toda a Europa, e ainda em os de todo o mundo, e concorrer, como um dos primeiros arbitros da terra, ao congresso dos reis. Da mesma sorte se ha visto a Inglaterra, por culpa da mesma revolução, e do louco systema seguido por Bonaparte, destruir todo o equilibrio do poder marítimo, dando cabo de todos os seus elementos com a ruina da marinha de guerra, e mercante da Hespanha, França, Hollanda e Dinamarca, e com isto e com os seus direitos marítimos, ficar só em campo, sem rival, que lhe podesse contrapesar o poder, constituindo um direito publico marítimo a seu modo, e dominando em todos os mares e suas dependencias, mais largamente do que nunca o fizera Bonaparte sobre o continente. Eis-aqui um dos maiores males que ha feito ao mundo a revolução de França, mal irreparavel ao qual não pôde o congresso de Vienna dar cabal remedio, deixando á Inglaterra a pacifica preponderancia dos mares, contra a qual não ha pôr-lhe freio ou limite politico.

Passemos agora a considerar os effeitos da revolução franceza, segundo influin nas idéas politicas dos povos. Quando rebentou em França a revolução, haviam lá em verdade numerosos abusos que reformar, como eram, a dilapidação das rendas publicas, que havia produzido um grande atraso, desde o tempo de Luiz XIV, e mórmente na epoca do regente; o modo arbitrario de lançar tributos; o pessimo systema da sua cobrança; os excessivos privilegios feudaes, que alimentavam a insolencia da alta nobreza; a incerteza do direito, pela grande variedade das jurisdicções; o despotismo dos magistrados de policia; as famosas *lettres de cachet*, pelas quaes o cidadão, sem processo e sem sentença, era muitas vezes por toda a vida recolhido em um segredo, e diversas outras violencias que ao lê-las ainda hoje causam horror. Os revolucionarios se fortaleceram com a existencia d'estes abusos; protestavam e proclamavam a todos os povos que elles só tinham no animo o extirpal-os, e substituir-lhes uma nova ordem de coisas, e um governo regular, que, pugnando pelos direitos e dignidade do homem, e do cidadão, quebrasse para sempre os ferros da tyrannia, e da escravidão, e estabelecesse para o diante as solidas bases de uma justa e legitima obediencia das nações, e de uma suave e paternal autoridade dos governos. Quem não abraçaria tão especioso partido, ou não cairia em tão lisonjeiros engodos? Os povos da Europa eram pela maior parte mal governados, e gemiam como os francezes, acurvados ao peso insupportavel de todos estes abusos, e de outros vexames e tyrannias; portanto não é muito que então pensassem como os francezes, e a favor da causa d'elles, que então parecia a causa de todo o genero humano, fazendo votos secretos no fundo dos seus corações para que a revolução triumphasse. A isto se deve em boa parte attribuir

a facilidade das conquistas dos francezes n'essa epoca.

Mas o prestigio foi de curta duração; em breve os cabeças da revolução deixaram descortinar os seus horrorosos fins, afogando a França em rios de sangue, e entregando este formoso paiz a todos os horrores da anarchia, e politica dissolução; então os povos das outras nações, perplexos com um tão novo espectáculo, vendo, em vez da liberdade politica, os tumultos e alvoroços dos pretorianos e janisaros; vendo reinar, em vez da republica, a licenciosidade militar, o orgulho, e a impudencia de uma plebe sem freio, o odio dos partidos, a anarchia, e a confusão, vacillaram em seus juisos e estremeceram. Bem depressa a anarchia foi seguida do mais brutal despotismo, que presencearam as edades, pois não se limitou ao paiz das Gallias, mas abrangeu, como se fôra uma rapida inundação, todo o continente da Europa de um a outro fim: então não só os povos tremeram; os reis e todos os governos, mais do que os mesmos povos, se horrorisaram, e reeeiaram a voragem e precipicio que se abria diante dos seus olhos; d'abi nasceu tambem a conspiração de todos os governos, e a cooperação de todos os povos que atearam a guerra nacional europea, e acabaram com o despotismo do imperador dos francezes.

Este despotismo continental, ainda que por extremo pesado aos povos, na epoca em que o soffreram, não deixou todavia, depois de passado, de lhes ser util para a sua liberdade externa, e interna; — aquella, porque os governos tiveram todos uma boa lição para mais se não abandonarem á influencia de estrangeiros — e a esta, porque os povos, valendo-se da necessidade que d'elles tinham os seus governos, para repellir os ataques das forças estrangeiras, ousaram (o que até então nunca tinham feito impunemente) representar aos seus proprios governos, com energia e dignidade, as reformas internas e os melhoramentos que se faziam mister para sua felicidade, e melhor poderem resistir ao tyranno. (*)

Aonde menos podiam fallar e escrever abertamente os escriptores assim mesmo caminhavam aos seus fins, e formavam a opinião publica, amaldiçoando Bonaparte, e o seu governo, e reprehendendo-os de vicios e vexames, que muitas vezes eram em tudo semelhantes aos dos governos das terras aonde escreviam. O povo começou a ter politica, e a ser imbuido em todas as sciencias moraes, que com ella tem conexão, e por isso foi aprendendo os elementos naturaes, que ensinam o que os povos devem aos seus governos. Além d'isso o exemplo da França,

(*) Até no nosso Portugal, quando deitámos fóra os francezes, houve liberdade de escrever por algum tempo, em quanto o governo se não recobrou do susto, e de todo se não julgou bem seguro; e tanto assim, que á então imprensa regia, baixou um aviso do governo para lá se imprimir sem alguma censura, ou pelo menos sem o menor estorvo, ou escrupulo, tudo quanto se quizesse dar á luz.

victima primeiro da anarchia, e caida depois em um agigantado despotismo, extremos sempre funestos ás nações, e o documento vivo que offerecia a Inglaterra, que de ambos estes extremos soube livrar-se, e resistir ao poder colossal de Bonaparte, não podiam deixar de gravar no animo de todos os povos o desejo ardente de um governo modelado sobre o da Grã-Bretanha, que á sombra da sua constituição tem chegado ao grau de prosperidade em que se acha.

Os governos não tem estado todos concordes com as opiniões e necessidades dos seus povos, com as luzes do seculo, e com as lições da experiencia; todavia alguns ha que de todas estas razões se tem aproveitado, procurando melhorar a condição do povo; tal por exemplo é a Belgica sob o governo do illustrado Leopoldo, tal é o imperio do Brasil sob o governo do popular imperador D. Pedro, e tal é o nosso Portugal tendo á sua frente o esperançoso D. Pedro v, e continuando no estado de tranquillidade que desfructamos ha seis annos, vendo progredir os seus interesses materiaes, e melhorar os ramos da sua administração.

É por certo grande cegueira a dos governos absolutos, em não quererem ver o perigo que a todos os instantes os ameaça, como a espada de Damocles, que pende de um delgado fio sobre suas cabeças, sem quererem trocar a sua precaria e incerta condição por um destino seguro, estavel e venturoso.

Mas voltemos ao nosso assumpto, e considere-mos agora os effeitos da revolução franceza no commercio e industria dos povos. É certo que por effeito do louco systema continental, algum tanto se cultivaram, como necessarios, os recursos do commercio, pois muitas nações se viram obrigadas a tirar do seu seio os productos e manufacturas, que não podiam haver do estrangeiro, e n'este ponto de vista, algumas artes, entre ellas a agricultura, foram cultivadas; porém ou fosse pela bastardia das producções exóticas, as quaes repugnam aclimatar-se em terrenos contrarios á sua natureza, ou seja pela falta de rivalidade e concorrência, ou pelo menor consumo e extracção, que desanima o fabricante, e tolhe ás manufacturas a perfeição, ou pelas taxas de guerra, e estancos do monopolio, que deitaram a perder, ou seccaram muitas fontes de industria e prosperidade, ou finalmente por o concurso de todas estas causas, a verdade é, que o commercio em geral padeceu muito, e só ha poucos annos tem recobrado parte das passadas perdas.

A arte da guerra (arte infelizmente necessaria) dizem os entendidos ter sido levada á perfeição. Assim será, e não negaremos que a revolução produziu grandes capitães; mas por ventura não os houve tambem no seculo de Luiz xiv? E como decidir quaes eram melhores quando se torna impossivel um exacto paralelo e comparação?

Quanto ao modo de fazer a guerra, que é o que propriamente se diz a arte da guerra, a ultima

campanha do Oriente deixou pouco a invejar aos generaes republicanos.

Pelo que pertence ás bellas artes, que formam o polido gosto das almas delicadas em França, e em todas as partes da Europa, aonde tinham patria, esmoreceram encolhidas, e notavelmente decaíram, como era de esperar, no meio do bulicio das armas, e confusão da guerra. Dir-se-hia com verdade, que as musas, que as presidem, fugiram então espavoridas ao rouco som das trombetas de Marte; a musica, a pintura, a architectura, e mórmente a divina poesia, apparecem, como de todos os tempos se notou, só em o seculo dos Augustos, quando vêem fechada a porta de Jano, quando os principes lhes dão *premio e favor que as artes cria*, e tambem quando a nação é feliz com o seu governo, e tem obrado gloriosos feitos que dá vontade de celebrar. É verdade que Bonaparte trouxe para França as producções milagrosas de Rafael, Ticiano, Velasques, Miguel Angelo e outros; mas de nada serviram para o adiantamento da arte, que não prosperou, nem podia prosperar em uma terra onde os artistas a todas as horas esperavam ser chamados ás armas.

A eloquencia, considerada entre as humanidades como uma das boas artes, padeceu notavelmente com as idéas, e mudanças da revolução. Os francezes tinham modelos de estylo, e de eloquencia, que todos os bons engenhos faziam por imitar. Montaigne, Racine, Bossuet, Arnaud e outros eram perfeitos modelos para imitar, mas a revolução confundiu o simples com o trivial, e como as idéas, que então atordoavam as cabeças, eram chimericas e extravagantes, d'ahi veiu uma eloquencia barbara e depravada, que felizmente acabou.

Quanto ás sciencias, estas houveram melhor sorte. Antes da revolução havia sabios illustres, que não se espantaram com o estrepito das armas, nem interromperam os seus estudos. Os chefes da revolução; ou por calculo, ou por amor ás sciencias fizeram caso d'ellas, e alguma protecção lhes concederam, no que Bonaparte quiz imital-os. Em verdade, porém, estas foram mais ajudadas das circumstancias particulares em que se achavam, do que dos favores dos homens do poder, porque a uns falleciam os meios para as favorecer, e outros não o faziam pela razão que da o nosso poeta

Que quem não sabe a arte não a estima.

Aqui poremos remate ás nossas reflexões, tendo apontado alguns dos effeitos geraes da passada revolução franceza, que nenhum proveito trouxe á moral, á politica, ás artes, e mui pouco ás sciencias. Agora ninguem pode gabar-se de colher da marcha das idéas, quaes serão as revoluções, ou progressos que todos estes objectos experimentarão para o futuro; porém se nos não erra o juizo, podemos esperar que as tremendas lições da revolução que acabou, o esgotamento geral das forças, o mutuo interesse, e de-

pendencia do commercio, e a perfeição progressiva das sciencias, e artes uteis, darão ás gerações futuras, senão uma paz geral não interrompida, ao menos tempos mais folgados, do que as epochas calamitosas que passaram. Assim aprasa á Providencia. ***

PRESENTE E PASSADO.

Immersa em trevas a minh'alma inanime,
Nem tinha alentos p'ra gemer a dôr!
Nem tinha ao menos uma voz sympathica,
Que d'uma esp'rança lhe mostrasse a flor!

Perdido estava; qual perdido um nautico,
Que em mar em furias o sepulchro vê;
Assim minh'alma, desvairada e misera,
No ceo, no Eterno nem já tinha fé!

Buscara affectos e buscara-os avido,
Como o viandante que, perdido, quer,
Morrendo á sêde nas soidões d'America,
A fonte amiga bem que ao longe ver.

E nada achava! só mentira cynica,
Em vez de extremos encontrara então!
Apoz o engano veiu entrando a duvida,
Que pouco a pouco foi tomando acção!

E fui descrendo! — Se me achava sceptico! —
De tudo e todos, tè descri de mim!
Nem tinha prantos, d'esses prantos intimos
Que a dôr minoram d'um soffrer sem fim!

Tortura immensa! De tal modo extatico,
Levava a vida sem um goso achar!
Que o mundo ao ver-me me dissera estatua
De escarneo viva d'um cruel zombar!

À noite escura da existencia lugubre
Succede aurora de fulgente luz!
Que luz é esta, que se mostra subita?
Que luz é esta? porque assim seduz?

Que luz é esta, que me estala o marmore
D'est'alma afflicta? que me faz verter,
Sulcando as faces, uma doce lagrima,
Nuncia do Eterno que me ensina a crer?

Oh! Deus que importa! se esta luz benefica
Me aquece a vida! se dizer-me vem:
Recobra esp'ranças, e recebe o balsamo
Que as magoas cura do desejo além!

E a luz que vejo, resplendendo vivida,
Oh! não, não mente... que a minh'alma a crê!
Fulgiu de uns olhos de ternura languidos
Ai! d'alma espelhos, onde amor se lê!

Já sinto e vivo porque a virgem pallida
Fitou-me os olhos e sorriu, tremeu...
E a virgem bella nos olhares pudicos
Ao triste um mundo de esperanças deu!

Minh'alma agora, n'uma crise rapida,
Trocou desgostos por ardente amor...
Tendo orvalhada d'uma aurora limpida
A flor do affecto, da esperança a flor!

Salvaste-me, anjo, dos abysmos horridos
Em que eu caira sem o teu sorrir!
Sorrir de virgem, na affeição sollicita,
Em que eu soletro: «crença, amor, porvir!»
MENDES LEAL (ANTONIO).

AUTO DA FÉ ÁS BRUXAS, CELEBRADO EM LOGRONHO NO ANNO DE 1610; SEGUIDO DA FAMOSISSIMA CARTA SOBRE EGUAL ASSUMPTO DO INQUISIDOR DE CALAHORRA AO CONDESTAVEL DE NAVARRA EM 1590.

Sob este titulo, publicou-se em um dos primeiros jornaes litterarios do visinho reino, o anno passado, um curiosissimo documento, que, posto tivesse já em 1820 visto a luz da imprensa, era pouco conhecido.

Este documento, que publicamos em seguida, vem no mencionado jornal acompanhado d'outro que era até então inedito, e que o senhor D. José Guell y Rente desententou, procurando, como elle diz, dados que se referiam a outras causas mui interessantes.

Publicando-os, abstemo-nos de commentarios. Satisfazem-nos as reflexões que os precedem, escriptas pelo senhor Guell y Rente.

Devemos comtudo uma declaração aos leitores. Omittimos algumas palavras que se acham no original, porque a decencia nos aconselhou a isso. O *santo* tribunal da inquisição, que, como todos sabem, *era por extremo escrupuloso*, não recuava diante de nenhuma infamia, de nenhuma torpeza, para conseguir os seus fins, que se não sabe ao certo quaes eram.

Os dois documentos, escripto o primeiro vinte annos depois do outro, mostram o espirito evangelico do rei Philippe II e dos que compunham toda-aquella caranguejola chamada *santo officio*, e põem em relevo a illustração da epocha em que foram escriptos. São uma das mais brillantes paginas da historia da inquisição.

«No anno de 1820 publicou-se na imprensa de Collado o auto de fé celebrado na cidade de Logronho nos dias 7 e 8 de Novembro de 1610, sendo inquisidor geral o cardeal arcebispo de Toledo, D. Bernardo Sandoval y Rojas, annotado por D. Ginés de Posadilla, que não era senão o celebre poeta D. Leandro de Moratin.

Esta relação extraordinaria no seu genero pela pontualidade com que está descripto o facto, em que figuram como foram os ministros e auxiliares da inquisição, e muitas pessoas de todas as condições; este auto da fé, famoso pela classe de delinquentes e pela crueldade das testemunhas, é digno da publicidade dos nossos tempos; mas ao desenterral-o do esquecimento, vou dar conta do notabilissimo documento que, so-

bre o mesmo assumpto escripto vinte annos antes, encontrei na bibliotheca de Madrid, buscando dados que se referiam a outras causas mui interessantes.

Tres seculos durou o tribunal da inquisição em Hespanha; tres seculos que passaram para nunca mais voltarem, deixando enlutadas e cobertas de sangue muitas paginas da nossa pobre civilização.

Erros mui absurdos se propagaram durante o seu imperio. Delitos impossiveis de serem commettidos foram castigados com pomposa e cruel solemnidade. A autoridade dos poderes do estado caiu desfeita ante a vara do tribunal da fé. Atropellados os direitos dos homens, e as leis venerandas da Hespanha, a justiça perdeu o seu imperio, o fanatismo e a ignorancia levantaram os seus idolos e altares, e a propria razão, perturbada pelo medo e perseguição, dobrou o collo e fechou os olhos, sem levantar nenhum grito n'aquellas scenas lamentaveis e vergonhosas.

Só assim se comprehende que tantos engenhos, como n'esses seculos teve a Hespanha, não desfizessem com a sua poderosa intelligencia as nuvens de *barberie* que involveram aquelles lamentaveis tempos; mas que muito que calassem, quando entre elles mesmos houve quem cresse em aparições e mysterios incomprehensiveis e fabulosos?...

Deixemos suas fraquezas, covardias ou conveniencias: não queiramos exigir d'elles o que o seculo talvez necessitava: lembremo-nos d'algumas coisas que succedem hoje mesmo, que passados estes tempos serão motivo de escarneo e desprezo. Cada seculo tem as suas extravagancias: aquelles eram d'inquisição, os nossos tem suas manchas, que não quero mencionar, porque o meu fim, ao recordar o auto da fé de 1610, é juntar-lhe a carta do inquisidor de Calahorra ao condestavel de Navarra, manuscripto famoso e que lança raios de luz sobre a barbaria e crueldade d'aquelles successos.

O leitor comprehenderá o interesse d'este escripto, util para esclarecer as duvidas dos que se dedicam a escrever as causas da situação actual e os motivos da *barberie* passada.

João Mongaston, impressor da cidade de Logronho, com approvação de frei Gaspar de Palencia, guardião do convento de S. Francisco e consultor do santo-officio, e com licença do doutor Vergara de Porres, chantre e conego de Nossa Senhora de la Redonda da mesma cidade, imprimiu no anno de 1611 este famoso auto, que celebraram com grande pompa e vaidade D. Alonso Becerra Holguin, cavalleiro do habito de Alcantara, os licenceados D. João Valle Alvarado e Alonso de Salazar y Frias, inquisidores apostolicos do reino de Navarra e seu districto, havendo concorrido a elle grande multidão de gente de toda a Hespanha.»

— No sabbado 6 de Novembro começou esta grande cerimonia. Um rico pendão do santo-officio era a cabeça da procissão em que iam mais de mil

familiares, commissarios e escrivães, muito luzidos e adornados de seus habitos e cruces d'ouro nos peitos. Depois ia grande multidão de religiosos das ordens de S. Domingos, S. Francisco, Mercês, Santissima Trindade, da ordem de Jesus, e da maior parte dos conventos da comarca. No fim d'ella ia a Santa Cruz verde, insignia da inquisição, que era levada aos hombros do guardião de S. Francisco, qualificador do santo-officio; diante a musica dos cantores e menestreis, e fechavam a procissão duas dignidades da igreja collegial e o aguazil do santo-officio com a sua vara, e outros commissarios e pessoas graves, ministros do santo-officio, que todos em muito boa ordem levavam a plantar a Santa Cruz no mais alto d'um grande cadafalso de oitenta e quatro pés de largo e outros tantos de comprido, que tinha sido feito para o auto: e com vistosos pharoes e familiares de guarda, esteve toda a noite, até que no dia seguinte, logo ao amanhecer, saíram da inquisição.

Em primeiro logar, cincoenta e tres pessoas que foram tiradas ao auto d'esta maneira. Vinte um homens e mulheres que iam em forma e com insignias de penitentes, descobertas as cabeças, sem cintos e com uma vela de cera nas mãos, e seis d'elles com sogas na garganta, o que significava que haviam de ser açoitados. Seguiam-se logo outras vinte uma pessoas com seus sambenitos de reconciliados, e que tambem levavam suas velas nas mãos, e alguns cordas ao pescoço. Em seguida iam cinco estatuas de pessoas fallecidas com sambenitos de relaxados, e cinco ataudes com os ossos das pessoas que eram representadas por aquellas estatuas. E por ultimo, iam seis pessoas com sambenitos de relaxados, e cada uma das ditas cincoenta e tres pessoas entre dois aguazis da inquisição, com tão boa ordem e luzidos trajés, os dos penitentes, que era coisa muito para ver.

Atraz d'elles ia, entre quatro secretarios da inquisição em mui luzidos cavallo, uma carreta, que em um cofre guarnecido de velludo de tres pellos levava as sentenças; e em ultimo logar iam a cavallo os senhores inquisidores, doutor Alonso Becerra Holguin, licenceado João do Valle Alvarado e licenceado Alonso Salazar y Frias, levando no meio o mais antigo, acompanhado do estado ecclesiastico ao lado direito, e da justiça e regimento ao lado esquerdo, e um pouco adiante ia, no meio da procissão, o doutor Isidoro de S. Vicente com o estandarte da fé, postos em mui boa ordem, que representava tudo grande autoridade e gravidade.

Continua.

Publicou-se o 3.º volume da ENEIDA de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, STAMBUL, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.